



LIVRO DOIS DA SÉRIE SANGUE E CINZAS



Galera

UM
REINO
DE
CARNE
E
FOGGO

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L.
ARMENTROUT

JENNIFER L.
ARMENTROUT

UM
REINO
DE
CARNE
E
FOGO

Tradução
Flavia de Lavor

1ª edição

— **Galera** —
RIO DE JANEIRO
2022

EDITORA-EXECUTIVA

Rafaella Machado

COORDENADORA EDITORIAL

Stella Carneiro

EQUIPE EDITORIAL

Juliana de Oliveira

Isabel Rodrigues

Lígia Almeida

Manoela Alves

PREPARAÇÃO

Emanoelle Veloso

REVISÃO

Mauro Borges

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

CAPA

Adaptada do original de Hang Le

TÍTULO ORIGINAL

A Kingdom of Flesh and Fire

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Armentrout, Jennifer L., 1980-A76r

Um reino de carne e fogo / Jennifer L. Armentrout; tradução Flavia de Lavor. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022.

(De sangue e cinzas ; 2) Tradução de: A kingdom of flesh and fire Sequência de: De sangue e cinzas

ISBN 978-65-5981-017-8

1. Romance americano. I. Lavor, Flavia de. II. Título. III. Série.

22-76025

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Copyright © 2020 by Jennifer L. Armentrout

Direitos de tradução mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-017-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



A você, leitor.

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45

Capítulo 1

— Nós vamos para casa nos casar, minha Princesa.

Como casar?

Com *ele*?

De repente, pensei em todas as fantasias de menina que tive antes de saber quem eu era e o que se esperava de mim — devaneios que ganharam vida por causa do amor que os meus pais sentiam um pelo outro.

Aqueles sonhos de menina jamais incluíram um pedido que não era nem remotamente um pedido de verdade. Tampouco incorporaram o anúncio em uma mesa cheia de estranhos, metade dos quais queria me ver morta. E aqueles sonhos certamente não envolviam o que só podia ser o pior — e possivelmente o mais insano — o pedido de casamento do reino, vindo do homem que me mantinha cativa.

Talvez eu estivesse com algum problema no cérebro. Talvez eu estivesse tendo alucinações causadas pelo estresse. Afinal de contas, existiam tantas mortes dolorosas para processar. A traição dele para lidar. E eu havia acabado de descobrir que era descendente de Atlântia, o reino em que fui criada para acreditar que era a fonte de todo o mal e tragédia naquelas terras. Alucinações provocadas por estresse pareciam ser um motivo muito mais crível do que o que estava realmente acontecendo.

Tudo o que consegui fazer foi olhar para a mão grande que segurava a minha muito menor. A pele dele era ligeiramente mais escura que a minha, como se tivesse sido beijada pelo sol. Anos

empunhando uma espada com uma precisão fatal e graciosa haviam deixado as suas palmas calejadas.

Ele levou a minha mão até a boca indecentemente bem formada e carnuda. Até os lábios que eram de alguma forma macios, mas implacavelmente firmes. Lábios que haviam lançado belas palavras no ar e sussurrado promessas acaloradas e maliciosas contra a minha pele nua. Lábios que prestaram homenagem às muitas cicatrizes que crivavam o meu corpo e rosto.

Lábios que também contaram mentiras encharcadas de sangue.

Agora, aquela boca estava pressionada contra o topo da minha mão em um gesto que eu teria acalentado por uma eternidade e considerado extremamente terno apenas alguns dias ou semanas atrás. Coisas simples como andar de mãos dadas ou beijos castos eram proibidas para mim. Assim como ser desejada ou sentir desejo. Havia muito tempo desde que eu aceitara que nunca experimentaria essas coisas.

Até *ele* chegar.

Ergui meu olhar das nossas mãos unidas, daquela boca que já estava repuxada em um dos cantos, sugerindo uma covinha na bochecha direita, e dos lábios ligeiramente entreabertos que revelavam somente um vislumbre das presas fatalmente afiadas.

Os cabelos dele roçavam a nuca e caíam sobre a sua testa, e as mechas grossas eram de um tom tão profundo de preto que muitas vezes tinham um brilho azulado sob a luz do sol. Com maçãs do rosto altas e angulosas, o nariz reto e um maxilar orgulhoso e bem delineado, ele costumava me lembrar de um grande e elegante gato das cavernas que vi certa vez no palácio da Rainha Ileana quando era criança. Lindo, mas daquele jeito que todos os predadores selvagens e perigosos são. Meu coração fraquejou quando encarei os olhos dele, órbitas de um tom de âmbar fresco e deslumbrante.

Eu sabia que estava olhando fixamente para Hawke...

Uma frieza se derramou no meu peito quando me contive. Aquele não era o nome dele. Eu nem sabia se *Hawke Flynn* era apenas um personagem fictício ou se o nome pertencia a alguém que provavelmente tinha sido morto por causa da sua identidade. Temia que fosse a última opção, já que *Hawke* supostamente tinha vindo da Carsodônia, a capital do Reino de Solis, com recomendações

perfeitas. Por outro lado, o Comandante dos guardas na Masadônia revelou ser um seguidor dos Atlantes, um Descendido, de modo que aquilo também poderia ser uma mentira.

De qualquer forma, o guarda que prometeu me proteger com a sua espada e com a sua vida não era real. Nem o homem que me viu pelo que eu era e não apenas o *que* eu era. A Donzela. A Escolhida. Hawke Flynn não era nada mais que um produto das minhas fantasias, assim como aqueles sonhos de menina.

Quem segurava a minha mão era a realidade: o Príncipe Casteel Da'Neer. Sua Alteza. O Senhor das Trevas.

Acima das nossas mãos unidas, a curva dos lábios dele aumentou. A covinha na sua bochecha direita ficou visível. Era raro que a covinha esquerda aparecesse. Apenas sorrisos genuínos a revelavam.

— Poppy — disse ele, e todos os músculos do meu corpo se contraíram. Não sei muito bem se foi o uso do meu apelido ou a cadência grave e musical de sua voz que me deixou tensa. — Acho que nunca a vi tão calada.

O brilho de provocação nos olhos *dele* foi o que me tirou do meu silêncio atônito. Soltei a minha mão, odiando saber que, se quisesse me impedir de me desvencilhar, ele poderia ter feito isso com facilidade.

— Casamento? — Encontrei a minha voz, mesmo que para uma única palavra.

Um brilho de desafio surgiu no olhar dele.

— Sim. Casamento. Você sabe o que isso significa, não é?

Fechei a mão em punho contra a mesa de madeira enquanto sustentava o olhar dele.

— Por que você acha que eu não saberia o que significa casamento?

— Bem — respondeu ele preguiçosamente, pegando um cálice.

— Você repetiu a palavra como se ela a confundisse. E, como a Donzela, eu sei que você foi... protegida.

Sob a trança, minha nuca começou a arder, provavelmente ficando tão vermelha quanto os meus cabelos sob a luz do sol.

— Ser a Donzela ou protegida não é a mesma coisa que ser ignorante — vociferei, ciente do silêncio que havia se instalado

sobre a mesa e por todo o salão de banquetes — um aposento atualmente cheio de Descendidos e Atlantes, que matariam e morreriam pelo homem para quem eu olhava abertamente de cara feia.

— Não. — O olhar de Casteel cintilou sobre mim enquanto ele tomava um gole. — Não é, não.

— Mas estou confusa. — Senti algo afiado tocar no meu punho. Com um rápido olhar, vi aquilo com que estava chocada e perturbada demais para notar antes. Uma faca. Com cabo de madeira e uma lâmina grossa e serrilhada, projetada para cortar carne. Não era a minha adaga de osso de lupino. Eu não a via desde os estábulos, e me magoava profundamente pensar que poderia nunca mais vê-la. Aquela adaga era mais que uma arma. Vikter havia me dado de presente no meu aniversário de 16 anos, e era a minha única conexão com o homem que era mais que um guarda. Ele assumiu o papel que o meu pai deveria ocupar se estivesse vivo. Agora, a adaga estava perdida e Vikter se fora.

Morto por aqueles que apoiavam Casteel.

E, já que havia cravado a última adaga em que coloquei as mãos no coração de Casteel, eu duvidava muito que a lâmina de osso de lupino me fosse devolvida tão cedo. Mas a faca de carne também era uma arma. Teria que servir.

— O que a confunde? — Ele colocou o cálice sobre a mesa e achei que os seus olhos assumiram o tom quente que tinham quando ele estava se divertindo ou... ou se sentindo de uma certa maneira que eu me recusava a reconhecer.

Meu dom pressionou a minha pele, exigindo que eu o usasse para sentir as emoções dele enquanto espalmava a mão sobre a faca de carne. Consegui ocultar as minhas habilidades antes que formassem uma conexão com ele. Eu não queria saber se ele estava se divertindo ou... ou *o que quer que seja* no momento. Eu não me importava com *o que* ele estava sentindo.

— Como disse antes — continuou o Príncipe, deslizando um dedo comprido sobre a borda do cálice. — Um casamento entre dois Atlantes só pode ocorrer se ambas as partes estiverem na sua terra, Princesa.

Princesa.

O apelido irritante e ligeiramente cativante que ele havia me dado tinha acabado de adquirir um significado totalmente diferente. Significado esse que suscitava a pergunta: quanto ele sabia desde o início? Ele admitiu ter reconhecido quem eu era na noite no Pérola Vermelha, mas afirmou que não sabia que eu era parte Atlante até que me mordeu. E provou o meu sangue. A marca no meu pescoço formigou e resisti ao impulso de tocá-la.

Quanto daquele apelido era uma coincidência? Eu não sabia muito bem por quê, mas, se era mais uma mentira, aquilo importava.

— Qual parte a confunde? — perguntou ele, com os olhos âmbar sem nem pestanejar.

— A parte em que você acha que eu realmente me casaria com você.

Do outro lado da mesa, ouvi o som sufocado de alguém tentando conter o riso. Olhei de relance para o rosto bonito de um lupino de pele negra clara e olhos azul pálidos — uma criatura capaz de assumir a forma de um lobo tão facilmente quanto podia assumir a forma de um mortal. Até alguns dias atrás, eu acreditava que os lupinos estivessem extintos, mortos durante a Guerra dos Dois Reis há cerca de quatrocentos anos. Mas isso era mais uma mentira. Kieran era apenas um dos muitos lupinos vivos — vários dos quais estavam sentados àquela mesa.

— Eu não *acho* que você vai se casar comigo — respondeu Casteel, semicerrando os cílios grossos. — Eu sei disso.

A descrença tomou conta de mim.

— Talvez eu não tenha sido direta, então vou tentar ser mais explícita. Não sei por que você acharia que eu me casaria com você nem em um milhão de anos. — Eu me inclinei na direção dele. — Deu para entender?

— Bastante — respondeu ele, com os olhos aquecendo para um tom de mel quente, mas não parecia haver qualquer raiva no seu olhar nem no tom de voz. Havia algo totalmente diferente. Um olhar que me fez pensar em pele morna e na sensação daquelas palmas ásperas e calejadas na minha bochecha, deslizando sobre a minha barriga e coxas e roçando em lugares muito mais íntimos. A covinha na bochecha dele se aprofundou. — Mas vamos ter que esperar para ver, não é mesmo?

Uma sensação cálida e formigante se espalhou pela minha pele.

— Não vamos esperar para ver coisa nenhuma.

— Eu posso ser muito convincente.

— Não *tão* convincente assim — retruquei, e ele deu um murmúrio evasivo que provocou uma onda de pura raiva em mim. — Você perdeu a cabeça?

Uma gargalhada profunda veio do fundo da mesa. Eu sabia que não era o loiro Delano. Parecia que o lupino tinha acabado de testemunhar um massacre e que o seu pescoço seria o próximo. Talvez eu devesse ter medo, porque os lupinos não se assustavam com facilidade, especialmente Delano. Ele me defendeu quando Jericho e os outros vieram atrás de mim, embora ele e o Atlante, Naill — que estava sentado ao seu lado —, estivessem em desvantagem numérica.

O Senhor das Trevas era alguém que a maioria das pessoas não ousaria irritar. Um Atlante, letal, rápido e impossivelmente forte. Difícil de ferir, quanto mais de matar. E, como descobri recentemente, capaz de usar a persuasão para impor a sua vontade aos outros. Ele matou um dos Duques mais poderosos de todo o Reino de Solis, cravando a mesma bengala que Teerman costumava usar em mim no coração do Ascendido.

Mas eu não estava com medo.

Eu estava furiosa demais para ter medo.

Sentado à esquerda de Delano, estava a fonte da risada que eu tinha acabado de ouvir. Viera daquele homem enorme chamado Elijah. Eu não achava que ele fosse um lupino. Por causa dos olhos. Todos os lupinos tinham os mesmos olhos azuis invernais. Os olhos de Elijah eram cor de avelã, um tom mais dourado que o castanho. Eu não era a única que olhava para ele no momento. Vários olhares pousaram sobre o homem. Aproveitei a oportunidade para deslizar a faca de carne da mesa, escondendo-a sob a fenda da minha túnica.

— O que foi? — Elijah esfregou a barba escura ao devolver os olhares. — Ela perguntou o que a maioria de nós está pensando.

Delano pestanejou e então olhou lentamente para Elijah. Casteel não disse nada. O sorriso de lábios cerrados dele dizia tudo enquanto o peso penetrante do seu olhar se movia de mim para mais longe na mesa.

Com os dedos parados na barba, Elijah pigarreou.

— Pensei que o plano...

— O que você pensa é irrelevante. — O Príncipe silenciou o homem mais velho.

— Você quer dizer aquele plano em que tencionava me usar como isca para libertar o seu irmão? — exigi saber. — Ou isso mudou como em um passe de mágica nas últimas horas?

Um músculo saltou ao longo do maxilar de Casteel quando sua atenção voltou para mim.

— Você deveria comer alguma coisa.

Eu quase perdi o controle e atirei a faca de carne nele.

— Eu não estou com fome.

Ele abaixou o olhar para o meu prato.

— Você mal comeu.

— Bem, você sabe, eu não tenho muito apetite, *Vossa Alteza*.

Ele cerrou o maxilar conforme sustentava o meu olhar. O tom dourado das suas íris esfriou. Arrepios pinicaram a minha pele enquanto o ar à nossa volta parecia ficar pesado e carregado de tensão, enchendo todo o aposento. Não havia um grama de respeito no meu tom de voz. Será que eu tinha irritado Casteel? Se sim, não me importava.

Fechei os dedos ao redor do cabo da lâmina. Eu não era mais a Donzela, presa a regras que me impediam de decidir sobre as questões da minha própria vida. Não seria mais controlada. Eu poderia e iria me impor com mais força que isso.

— Ela fez uma pergunta muito válida — disse alguém na ponta da mesa. Era um homem de cabelos curtos e escuros. Ele não parecia ser mais velho que Kieran, que, assim como Casteel, parecia ter uns vinte e poucos anos. Mas Casteel tinha mais de duzentos anos. Até onde eu sabia, o homem poderia ser ainda mais velho. — O plano de usá-la para libertar o Príncipe Malik mudou? — perguntou ele.

Casteel não disse nada enquanto continuava a me observar, mas a imobilidade absoluta que surgiu nas suas feições foi um alerta muito melhor do que quaisquer palavras.

— Não estou questionando suas decisões — afirmou o homem. — Estou tentando entendê-las.

— Você precisa de ajuda para entender o quê, Landell? — Casteel se recostou na cadeira, com as mãos apoiadas levemente nos braços. O jeito como ele se sentou, como se estivesse completamente à vontade, me deixou toda arrepiada.

Houve um momento tenso de silêncio e então Landell disse:

— Nós o seguimos até aqui de Atlântia. Ficamos nesse reino arcaico e fedido, fingindo lealdade a um Rei e uma Rainha falsos porque, assim como você, não queremos nada além de libertar o seu irmão. Ele é o herdeiro legítimo.

Casteel fez um gesto para que Landell prosseguisse.

— Perdemos gente, boa gente, tentando nos infiltrar nos Templos da Carsodônia — disse ele.

Fiquei tensa quando as imagens das estruturas em tons da meia-noite se formaram na minha mente.

Se tudo o que Casteel alegou fosse verdade, o propósito aos quais os Templos serviam era outra mentira. Os terceiros filhos e filhas não eram entregues durante o Ritual para servir aos Deuses. Em vez disso, eles eram dados aos Ascendidos — os vampiros — e não se tornavam nada além de gado. Grande parte do monte de mentiras que ouvi durante toda a minha vida era terrível, mas aquela era possivelmente a pior de todas. E, por mais revoltante que fosse o que Casteel afirmava, eu receava que fosse verdade. Como é que eu poderia negar? Os Ascendidos haviam dito que o beijo dos Atlantes era venenoso, amaldiçoando mortais inocentes e os transformando em cascas decadentes do seu antigo eu — os monstros cruéis e sedentos de sangue conhecidos como Vorazes. Mas eu sabia que isso não era verdade. O beijo dos Atlantes não era tóxico. Nem a sua mordida. Eu era a prova de ambas as coisas. Casteel e eu tínhamos trocado muitos beijos. Ele me dera seu sangue quando fui mortalmente ferida. E havia me mordido.

Eu não me transformei em Voraz.

Assim como eu não havia me transformado quando fui atacada pelos Vorazes anos antes.

E não é que eu não tivesse suspeitas a respeito dos Ascendidos antes que Casteel entrasse na minha vida. Ele apenas as confirmou. Mas será que era tudo verdade? Eu não tinha como saber. Meus dedos doíam com a força com que segurava a faca.

— Não encontramos nenhuma pista sobre onde o nosso Príncipe está detido, e muitos de nós nunca vão voltar para as suas famílias — continuou Landell, a voz se firmando a cada palavra, engrossando com uma raiva que eu não precisava do meu dom para pressentir. — Mas agora nós temos algo. Finalmente temos algo que pode ser usado para obter conhecimento acerca do paradeiro do seu irmão. A possibilidade de libertá-lo e impedi-lo de ser forçado a fazer novos vampiros, vivendo o tipo de inferno com o qual você está bem familiarizado. Mas, em vez disso, nós vamos para casa?

Eu sabia um pouco sobre aquele inferno.

Eu tinha visto as inúmeras cicatrizes por todo o corpo de Casteel, a marca na forma do Brasão Real na sua coxa, logo abaixo do quadril.

Mas Casteel não disse nada em resposta. Ninguém falou. Não houve nenhum movimento, nem daqueles que estavam à mesa nem dos que estavam perto da lareira, no fundo do salão de banquetes.

Landell não havia terminado.

— Os homens que estão pendurados nas paredes do saguão do lado de fora desse mesmo salão merecem estar lá. Não só porque desobedeceram às suas ordens, mas porque, se tivessem conseguido matar a Donzela, nós teríamos perdido a única coisa que podemos usar. Eles colocaram o herdeiro em risco por vingança. É por isso que acredito que merecem o destino que tiveram, muito embora alguns deles fossem meus amigos. Amigos de muitos aqui nessa mesa.

Eu vou matá-los.

Essa foi a promessa de Casteel quando viu os ferimentos que os outros haviam deixado para trás. E foi o que ele tinha feito. Ou quase isso. Casteel havia empalado aqueles de quem Landell falava na parede. Todos estavam mortos agora, exceto por Jericho. O líder estava quase morto, sofrendo uma morte lenta e agonizante para servir como um lembrete de que eu não deveria ser machucada.

— Você pode usá-la — esbravejou Landell. — Ela é a favorita da Rainha, a Escolhida. Eles só libertariam o seu irmão em troca dela. Mas, em vez disso, nós vamos para casa para você se casar? — Ele apontou com o queixo na minha direção. — Com *ela*?

O desgosto expresso naquela palavra doeu, mas eu já havia ouvido comentários muito mais mordazes do Duque Teerman para mostrar até mesmo um lampejo de reação.

À minha frente, Kieran virou a cabeça na direção de Landell.

— Se você tiver alguma inteligência, você vai parar de falar. Agora.

— Deixe-o continuar — interveio Casteel. — Ele tem o direito de falar o que pensa. Assim como Elijah. Mas parece que Landell tem mais a dizer do que Elijah, e eu gostaria de ouvir.

Elijah apertou os lábios e emitiu um assobio baixo, arregalando os olhos conforme se recostava na cadeira, deixando o braço cair sobre o encosto da cadeira de Delano.

— Ei, às vezes, eu falo e rio fora de hora. Mas, seja lá o que for que você planeje ou queira, eu estou com você, Casteel.

— Você está falando sério? — Landell virou a cabeça na direção de Elijah enquanto se punha de pé. — Você concorda em desistir do Príncipe Malik? Você concorda que Casteel a leve para casa, para as nossas terras, e se case com ela, fazendo dela uma Princesa? Uma honra que deveria unir o nosso povo e não dividi-lo?

Casteel se remexeu ligeiramente, deslizando as mãos dos braços da cadeira.

— Como acabei de dizer, eu estou com Casteel. — Elijah ergueu o olhar para Landell. — Sempre, não importa o que ele escolha. E, se ele a escolher, então todos nós a escolheremos.

Aquilo era... era totalmente ridículo, toda a discussão. Não importava. E eu não me importava com o motivo pelo qual o povo de Atlântia precisava ser unido, Casteel e eu não iríamos nos casar. No entanto, não tive uma oportunidade para comentar isso.

— Eu não a escolho. *Jamais* vou escolhê-la — jurou Landell, a pele do seu rosto afinando e escurecendo enquanto ele examinava aqueles que estavam sentados ao seu redor. Lupino. Eu me dei conta de que ele era um lupino. Segurei a faca com firmeza e me retesei. — Todos vocês sabem disso. Os lupinos não vão aceitá-la. Não importa se ela tem sangue Atlante ou não. O povo de Atlântia também não vai recebê-la bem. Ela é uma estranha criada e cuidada por aqueles que nos forçaram a voltar para uma terra que está rapidamente se tornando pequena demais e inútil. — Ele

baixou os olhos sobre a mesa, olhando para Casteel. — Ela nem mesmo o aceitou, e devemos acreditar que ela vai se vincular a você?

Vínculo? Olhei de relance para Kieran e então para Casteel. Eu sabia que alguns lupinos eram vinculados a Atlantes de uma determinada classe, e não era preciso nenhum salto de lógica para presumir que, como Príncipe, Casteel pertencia a essa classe. Os dois pareciam ser os mais próximos de todos os outros com quem eu tinha visto Casteel interagir, mas eu não sabia a respeito de nenhum outro tipo de vínculo.

No entanto, mais uma vez, aquilo era irrelevante, já que não iríamos nos casar.

— Devemos acreditar que ela é digna de ser a nossa Princesa quando nega você descaradamente diante do seu povo e cheira a Ascendidos? — exigiu saber Landell. Franzi o nariz. Eu não cheirava a... Ascendidos. Cheirava? — Quando ela se recusa a escolher você?

— O que importa é que eu a escolho — disse Casteel, e o meu coração *idiota* deu um pulo dentro do peito, embora eu não o tivesse escolhido. — E isso é tudo o que importa.

O lupino repuxou os lábios, e eu arregalei os olhos ao ver os seus caninos se alongando.

— Faça isso e será a ruína do nosso reino — rosnou ele. — Eu não vou escolher essa vadia cheia de cicatrizes.

Estremeci.

Eu realmente *estremeci*, com as bochechas ardendo como se tivesse levado um tapa na cara. Ergui os dedos e toquei a pele irregular da minha bochecha antes de me dar conta do que estava fazendo.

Landell abaixou a mão até o quadril.

— Prefiro matá-la a ficar parado e permitir que isso aconteça.

Poucos segundos se passaram depois que aquelas palavras saíram da boca de Landell e antes que uma agitação frenética do ar levantasse mechas de cabelo das minhas têmporas.

A cadeira de Casteel estava vazia.

Um grito, e então algo pesado tilintou de um prato. Uma cadeira tombou e Landell... não estava mais de pé ao lado da mesa. O prato

dele não estava mais vazio. Havia uma adaga estreita ali, feita para ser atirada. Meus olhos arregalados seguiram o borrão que era Casteel conforme ele prendia Landell contra a parede, com o antebraço pressionado na garganta do lupino.

Bons Deuses, ser capaz de se mover tão rápido e tão silenciosamente...

— Eu só quero que você saiba que não estou nem mesmo particularmente irritado por você questionar o que pretendo fazer. O modo como você falou comigo não me incomoda. Não sou inseguro para me preocupar com a opinião de homens inferiores. — O rosto de Casteel estava a meros centímetros do lupino de olhos arregalados. — Se fosse só isso, eu teria deixado para lá. Se tivesse parado depois da primeira vez que se referiu a ela, eu teria deixado que você saísse daqui apenas com o seu ego exageradamente inflado. Mas então você a insultou. Você a fez estremecer e depois a ameaçou. Eu não vou me esquecer disso.

— Eu... — Seja lá o que for que Landell estava prestes a dizer terminou em um gorgolejo quando Casteel empurrou o braço direito para a frente.

— E não serei capaz de perdoar você. — Casteel puxou o braço para trás, jogando algo no chão. O objeto caiu com um ruído.

Entreabri os lábios pouco a pouco quando percebi o que era a massa vermelha e protuberante. Ah, meus Deuses. Um coração. Era um coração de verdade.

Casteel soltou o lupino e deu um passo para trás, observando Landell deslizar pela parede, com a cabeça jogada para o lado. Ele se virou para a mesa, com a mão direita manchada de sangue e entranhas.

— Alguém mais tem algo que gostaria de compartilhar?

Capítulo 2

O salão de banquetes tornou-se um coro de homens em negação, mas nenhum deles sequer se encolheu na cadeira. Alguns estavam até mesmo rindo enquanto eu... Enquanto eu encarava o vermelho que escorria pelos dedos de Casteel e pingava no chão.

Ele se inclinou para a frente e pegou o guardanapo de Landell. Caminhou de volta até a sua cadeira e limpou a mão distraidamente.

Eu o observei se sentar, com o coração acelerado dentro do peito conforme ele se virava para mim com o olhar protegido por uma camada de cílios volumosos.

— Você deve achar que foi um exagero — disse ele, soltando no prato o guardanapo amassado e manchado de sangue. — Não foi. Ninguém fala de você ou com você assim e continua vivo.

Eu o encarei.

Ele se recostou na cadeira.

— Pelo menos, eu dei a ele uma morte rápida. Há uma certa dignidade nisso.

Eu não fazia a menor ideia do que dizer.

Não fazia a menor ideia do que sentir. Tudo o que eu conseguia pensar era: “Ah, meus Deuses, ele arrancou o coração de um lupino do peito com a própria mão.”

Os homens que estavam perto da porta estavam pegando Landell quando um dos homens sentados à mesa perguntou:

— Então, quando é o casamento?

Risos saudaram a pergunta, e havia o vislumbre de um sorriso nos lábios de Casteel quando ele se inclinou na minha direção.

— Não há nenhum lado seu que não seja tão bonito quanto a outra metade. Nem sequer um centímetro que não seja deslumbrante. — Ele ergueu os cílios, e a intensidade no seu olhar prendeu a minha atenção. — Isso era verdade na primeira vez em que eu disse a você, ainda é verdade hoje e será amanhã.

Entreabri os lábios e puxei o ar com força. Quase levei a mão até o rosto outra vez, mas me contive. De alguma forma, no processo de me acostumar a ser vista sem o véu de Donzela, eu tinha me esquecido das minhas cicatrizes — algo que jamais pensei ser possível. Eu não tinha vergonha delas há anos. Eram a prova da minha força, do terrível ataque ao qual sobrevivi. Mas, quando mostrei o rosto na frente de Casteel pela primeira vez, temi que ele concordasse com o que o Duque Teerman sempre dizia. O que eu sabia que a maioria das pessoas pensava quando me via sem o véu ou olhava para mim agora.

Que metade do meu rosto era uma obra-prima enquanto a outra era um pesadelo.

Mas, quando Hawke — *Casteel* — viu a faixa de pele rosa-claro e irregular que começava abaixo do meu couro cabeludo e cortava a têmpora, terminando no meu nariz, e a outra que era mais curta e mais alta, atravessando a minha testa até a sobrancelha, ele tinha dito que ambas as metades eram tão bonitas como o todo.

Naquele momento, eu acreditei nele. E me senti bonita pela primeira vez na minha vida, algo que também havia sido proibido para mim.

E que os Deuses me ajudassem, mas eu ainda acreditava nele.

— O que ele disse foi mais que um insulto. Foi uma ameaça que não vou tolerar — concluiu Casteel, se recostando enquanto pegava o cálice com a mesma mão que havia arrancado um coração do peito fazia poucos minutos.

Olhei para a adaga ainda no prato de Landell. O que o lupino teria tentado fazer com aquela adaga não deveria ser um choque para mim. Não é como se eu não soubesse que muitos dos presentes à mesa prefeririam me ver cortada em pedacinhos. Eu sabia que não estava segura ali, mas todos eles tinham visto o saguão lá fora. Tinham que saber o que aconteceria se desobedecessem a Casteel.

Alguma parte inconsciente de mim ainda subestimava o ódio deles por qualquer coisa que os fizesse se lembrar dos Ascendidos. E era o que eu significava, mesmo que não tivesse feito nada contra eles além de me defender.

A conversa recomeçou em volta da mesa. Discussões tranquilas. Outras mais entusiasmadas. Risadas. Era como se nada tivesse acontecido, e aquilo me abalou. Mas o que me deixou completamente perturbada foi o que eu não podia admitir nem para mim mesma.

Kieran pigarreou.

— Você gostaria de voltar para o seu quarto, Penellaphe?

Arrancada dos meus pensamentos, demorei um instante para responder.

— Você quer dizer a minha cela?

— É muito mais confortável e nem de longe tão frio quanto a masmorra — respondeu ele.

— Uma cela é uma cela, não importa o quanto seja confortável — eu disse a ele.

— Estou quase certo de que já tivemos essa conversa antes — comentou Casteel.

Voltei o olhar para Casteel.

— *Tenho* quase certeza de que não me importo.

— Também tenho certeza de que chegamos à conclusão de que você nunca foi livre, Princesa — acrescentou Casteel. A verdade daquelas palavras ainda era tão brutal como quando foram ditas pela primeira vez. — Acho que você sequer reconheceria a liberdade se ela fosse oferecida a você.

— Sei o suficiente para reconhecer que não é o que você está me oferecendo — retruquei, com a fúria retornando em uma onda quente e bem-vinda, aquecendo a minha pele fria.

Um leve sorriso surgiu na boca de Casteel, embora não fosse aquele seu sorriso calculista de lábios cerrados. Minha raiva deu lugar à confusão. Será que ele estava me provocando de propósito?

Bastante inquieta, me concentrei no lupino.

— Eu gostaria de voltar para minha cela mais confortável e nem de longe tão fria. Presumo que não tenho permissão para ir até lá sozinha?

Kieran franziu os lábios, mas a sua expressão se suavizou rapidamente, provando que ele tinha o bom senso de não sorrir nem de rir.

— Você presumiu corretamente.

Sem esperar que Sua Alteza me desse permissão, empurrei a cadeira para trás. As pernas rangeram no chão de pedra. Suspirei sem emitir nenhum som. Meus movimentos não foram tão dignos quanto eu desejava, mas mantive a cabeça erguida quando comecei a me virar.

Um dos homens que estava na porta e havia retirado o cadáver de Landell atravessou o salão de banquetes e caminhou até o Príncipe. Ele se abaixou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Casteel enquanto Kieran se punha de pé. Sem esperar por Kieran nem olhar para a mancha de sangue na parede, dei um passo.

De repente, Casteel estava ao meu lado, com a mão no meu braço. Não tendo ouvido ele se levantar, reprimi um suspiro de surpresa e tentei me desvencilhar enquanto o homem que havia falado com Casteel se afastava.

— Não vá ainda — sussurrou Casteel, segurando o meu braço. Algo no seu tom de voz me deteve. Olhei para ele. — Estamos prestes a receber uma visita. Brigue comigo o quanto quiser mais tarde. Provavelmente vou gostar. Mas não brigue comigo na frente dele.

Nós nos entreolhamos enquanto eu sentia um nó no estômago. Mais uma vez, o tom de voz dele provocou uma inquietação em mim conforme eu olhava para a porta. Quem será que vinha? O pai dele? O Rei?

Casteel mudou de posição de modo a ficar parcialmente na minha frente enquanto um grupo de homens tomava a soleira da porta. O homem de cabelos cor de areia, alto e de ombros largos, que caminhava no centro, chamou a minha atenção. Soube imediatamente que era dele de quem Casteel havia falado.

O homem, os cabelos loiros e luxuriantes roçando um queixo quadrado e duro, parecia ser muito mais velho que Casteel. Se fosse mortal, o que duvidava muito, eu diria que ele estava à beira da meia-idade. Não achei que aquele homem fosse o pai de

Casteel. Não se parecia em nada com ele, mas supus que isso não queria dizer muita coisa.

Ele caminhou na nossa direção. A capa pesada que ele usava, salpicada de neve derretida, se abriu, revelando uma túnica preta com duas linhas douradas sobrepostas sobre o peito. Quando ele se aproximou, eu me esforcei para não ofegar. Não por causa dos olhos azul-claros que eu associava aos lupinos. Mas por causa do sulco profundo no meio da testa dele, como se alguém tivesse tentado abrir a sua cabeça. Eu, dentre todas as pessoas, sabia que não deveria ficar surpresa com uma cicatriz. A vergonha subiu pela minha garganta conforme eu desviava o olhar. Não que a lesão fosse feia. O homem era bonito de uma forma robusta que me fazia lembrar de um leão. Era apenas o choque de ver alguém, muito provavelmente um lupino, com uma cicatriz. Vagamente, percebi que Kieran tinha se aproximado e parado atrás de mim.

— O que está acontecendo aqui, em nome dos Deuses? — exigiu saber o homem.

Perdi o fôlego quando olhei de volta para ele. A sua voz... me parecia tão familiar.

— Ou será que eu quero saber? — continuou ele, arqueando as sobrancelhas quando viu o sangue na parede. Os homens que viajavam com ele se juntaram aos que estavam à mesa, exceto por um. Ele era mais baixo que Casteel e mais compacto. Seus cabelos eram um emaranhado volumoso de ondas castanho-avermelhadas e seus olhos tinham um brilho dourado como os de Casteel. Ele permaneceu ao lado do homem, e o seu olhar parecia rastrear cada ínfimo movimento meu.

— Eu só estava redecorando o ambiente — respondeu Casteel, e o lupino riu enquanto os dois homens apertavam as mãos.

Senti outro aperto no peito, uma pontada no coração. A risada dele... era rouca e áspera como se a sua garganta não soubesse muito bem o que fazer com a emoção. Assim como a de Vikter. Meu coração ficou apertado. Era por isso que a voz e a risada dele me pareciam tão familiares.

— Não esperava que você chegasse aqui tão cedo, Alastir — disse Casteel.

— Nós cavalgamos muito para evitar a tempestade que vem nessa direção. — Alastir olhou do Príncipe para mim. A curiosidade estava estampada no rosto dele, mas não o rubor da raiva nem a frieza do desgosto. — Então é ela.

— É, sim.

Cada músculo do meu corpo se retesou quando Alastir baixou o olhar. Ele inclinou a cabeça, e eu levei um momento para perceber que ele estava olhando para o meu pescoço...

A maldita mordida!

Minha trança havia escorregado por cima do ombro, expondo a minha garganta.

A pele ao redor da boca de Alastir se esticou quando ele olhou de volta para Casteel.

— Pressinto que algumas coisas aconteceram desde a última vez que conversamos.

Será que Alastir se encontrou com o pai de Casteel quando ele saiu de Novo Paraíso para falar com ele? Se esse fosse o caso, onde estava o Rei?

— Muitas coisas mudaram — respondeu Casteel. — Incluindo o meu relacionamento com Penellaphe.

— Penellaphe? — repetiu Alastir, surpreso, com uma sobrancelha arqueada. — Você recebeu o nome da Deusa da Sabedoria, da Lealdade e do Dever?

Já que eu não podia só ficar ali parada ignorando-o, assenti.

Um leve sorriso surgiu nos lábios dele.

— Imagino que seja um nome apropriado para a Donzela.

— Você não pensaria isso se a conhecesse — respondeu Casteel, e eu apertei os lábios com força para não retrucar.

— Então mal posso esperar para conhecê-la. — O sorriso de Alastir ficou ainda mais tenso.

— Você terá que esperar um pouco mais. — Casteel olhou para trás. Seus olhos encontraram os meus por um breve instante, o suficiente para que eu soubesse que ele queria que eu não desafiasse o que ele estava perto de dizer. — Penellaphe estava prestes se recolher.

Kieran se aproximou e colocou a mão na minha lombar para me impulsionar para a frente. Reprimi o ímpeto de recusar, tendo o bom

senso suficiente para perceber que Casteel não queria que eu ficasse perto daquele homem e que deveria haver um bom motivo para isso.

Dei um passo em frente, com plena consciência dos olhares que me seguiam. Eu havia chegado à metade do caminho até a porta quando ouvi Alastir perguntar:

— É sensato permitir que a Donzela vagueie livremente?

Eu me detive.

— Continue andando — disse Kieran baixinho. Apertei na palma da mão o cabo da faca que roubei.

— Não seria sensato recusar que ela fizesse isso — respondeu Casteel com uma risada, e eu fiz o que pude para não atirar a lâmina nele.

Kieran me acompanhou enquanto passávamos pelos homens que voltaram a ficar de sentinela ao lado das grandes portas de madeira. Avancei, me dizendo que não olhasse para cima, mas ergui os olhos mesmo assim quando passei pelo corpo empalado do sr. Tulis.

A pressão apertou o meu peito. Ele e a esposa haviam procurado o Duque e a Duquesa Teerman, implorando para ficar com o terceiro filho, o único filho restante, que era *destinado* a servir aos Deuses durante o Ritual. Eu havia sentido a sua dor e desespero profundos e teria sido afetada mesmo sem o meu dom. Pretendia pleitear o caso deles com a Rainha. Fazer alguma coisa, apesar de não poder ter êxito.

Mas eles escaparam. A família inteira — ele, a esposa e o filho recém-nascido — teve a chance de uma vida nova. E ele aproveitou a oportunidade para desferir o que teria sido o ferimento que me matou se não fosse por Casteel.

Eu tinha vontade de gritar. De berrar *por quê?* enquanto olhava para o rosto pálido e o sangue seco que manchava o seu peito. Por que ele fez essa escolha? Jogou tudo fora por uma breve sensação de vingança. Contra mim, que não tinha feito nada para ele nem para a sua família. Nada disso importava, no final das contas. E agora o filho dele iria crescer sem um pai.

Mas, pelo menos, ele continuaria vivo. Se tivesse sido entregue durante o Ritual, ele enfrentaria um futuro pior que a morte. Eu não

fazia a menor ideia de quanto tempo os terceiros filhos e filhas sobreviviam dentro daqueles Templos. Será que eram... usados como alimento imediatamente, mesmo quando bebês? Crianças pequenas? Os terceiros filhos e filhas eram entregues anualmente enquanto os segundos filhos e filhas eram entregues à Corte entre as idades de treze e dezoito anos. Eles continuavam vivos — bem, a maioria deles. Alguns morriam na Corte devido a uma doença do sangue que os levava durante a noite. Casteel havia me dito que os vampiros tinham dificuldade de controlar a sede de sangue, e agora eu duvidava que existisse mesmo uma doença. Em vez disso, era como o que tinha acontecido com Malessa Axton, que foi encontrada com uma mordida na garganta e o pescoço quebrado. Aquilo nunca foi confirmado, mas eu sabia que o Lorde Mazeen, um Ascendido, a havia matado e deixado o seu corpo ali, à mostra, para que qualquer um a encontrasse.

Pelo menos, o Lorde Mazeen não vai machucar mais ninguém, disse a mim mesma enquanto uma onda selvagem de satisfação fluía por mim. Eu me lembrei do olhar de choque estampado no rosto dele quando cortei a sua mão. Nunca pensei que ficaria feliz em matar qualquer coisa que não fosse um Voraz, mas o Lorde Mazeen provou que isso era uma mentira.

Aquela alegria feroz desapareceu quando voltei a pensar nas crianças. Como alguém, mortal ou não, poderia machucar crianças assim? E eles vinham fazendo isso há anos — centenas de anos.

Percebi que tinha parado e recomecei a andar. Com o peito pesado, nem me dei ao trabalho de olhar para Jericho. Soube que ele ainda estava vivo pelos gemidos patéticos que vinham dele.

Eu acreditava que todos mereciam uma morte digna, até mesmo ele, mas não sentia nem um pinga de empatia pelo que ele tinha causado a si próprio.

E quanto a Landell? Eu sentia pena dele? Não exatamente. O que isso dizia sobre mim?

Eu não queria pensar nisso, de modo que perguntei:

— Quem era aquele homem?

— O nome dele é Alastir Davenwell. Ele é o conselheiro do Rei e da Rainha. Um amigo íntimo da família. É como um tio para Casteel

e Malik — respondeu Kieran, e eu estremei de leve ao ouvir a menção do irmão de Casteel.

— É por isso que Casteel não queria que eu ficasse perto dele? Porque Alastir é o conselheiro de seus pais? Ou por que ele também vai querer me cortar em pedacinhos?

— Alastir não é um homem propenso à violência, apesar da cicatriz que exibe. E, embora saiba qual é o seu lugar com o Príncipe, ele é leal à Rainha e ao Rei. Há coisas que Casteel não gostaria de revelar aos dois.

— Tipo essa ideia ridícula de casamento?

— Algo do tipo. — Kieran mudou de assunto quando viramos a esquina e entramos no saguão, onde o ar estava livre do fedor da morte. — Você sente pena do mortal? Aquele que Cas ajudou a escapar dos Ascendidos junto com a família?

Cas.

Deuses, aquele parecia um apelido inofensivo demais para um homem tão perigoso.

Olhei de relance para Kieran quando entramos na escada estreita, notando que ele estava sem a espada curta e o arco assim que passou na minha frente. Mas ele estava longe de ser indefeso, levando em consideração o que era. Eu nem me dei ao trabalho de tentar fugir. Sabia que não conseguiria escapar por mais que alguns passos. Os lupinos eram incrivelmente rápidos.

Kieran parou sem aviso, girando o corpo tão repentinamente que recuei, batendo contra a parede. Ele deu um passo na minha direção e abaixou a cabeça para mim. Cada músculo do meu corpo se retesou enquanto ele inspirava profundamente.

Ele estava...?

Ele abaixou a cabeça, roçando a ponte do nariz na minha têmpora. Então inspirou outra vez.

— O que você está fazendo? — Eu me esquivei para o lado, criando uma distância entre nós. — Você está me *cheirando*?

Ele se empertigou e estreitou os olhos.

— Você... está com um cheiro diferente.

Arqueei as sobrancelhas.

— Então, não sei como responder a isso.

Ele não pareceu me ouvir conforme seus olhos reluziam.

— Você está com o cheiro ...

— Se você disser que eu estou com o cheiro do Casteel de novo, vou dar um soco na sua cara — prometi. — Com força.

— Você está com o cheiro dele, mas não é isso. — Ele sacudiu a cabeça. — Você está com o cheiro de morte.

— Uau. Obrigada. Mas, se eu estou com o cheiro disso, não é minha culpa.

— Você não está entendendo. — Kieran me olhou por mais um instante e então se virou, começando a subir as escadas de novo.

Não. Eu não entendia nem queria entender.

Cheirei a manga da minha túnica. Tinha cheiro de... carne assada.

— Mais cedo, você disse que não sentia empatia por nenhum deles — afirmou ele enquanto eu o seguia.

— Isso não mudou — disse. — Eles queriam me ver morta. — Saímos da escada e entramos na passarela coberta. O ar úmido e frio nos saudou. — Mas não posso deixar de sentir pena do sr. Tulis.

— Não deveria.

— Bem, mas eu sinto. — Tremendo, abaixei o queixo contra a rajada de vento forte. — Ele teve uma segunda chance. E a jogou fora. Sinto pena dessa escolha e da esposa e do filho. E acho que lamento pelas famílias dos homens que estão naquela parede.

Kieran caminhou ao meu lado, absorvendo o impacto do vento.

— A pena pelas famílias é justificada.

Parei, surpresa, mas não disse nada.

— O que foi?

— Nada — murmurei.

Ele deu uma risada suave.

— Você acha que eu não sou capaz de ter compaixão?

Olhei para o pátio lá embaixo. Uma fina camada de neve brilhava intensamente ao luar. Adiante, eu não via nada além da escuridão densa da floresta invasora. Era estranho não ver uma Colina, as muralhas geralmente montanhosas construídas a partir de calcário e ferro extraídos dos Picos Elísios. A pacata cidade de Novo Paraíso tinha uma muralha, mas era muito menor que aquela a que eu estava acostumada na Masadônia e na Carsodônia.

— Eu não sei do que você é capaz ou não — admiti, tocando a madeira fria do corrimão enquanto o vento aumentava, levantando as mechas mais curtas dos cabelos que tinham escapado da minha trança. — Não sei quase nada a respeito dos lupinos.

— Meu lado animal não anula o meu mortal — respondeu ele. — Eu não sou incapaz de sentir emoções.

Olhei de volta para ele.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Eu só... — Parei de falar. O que foi que eu quis dizer? — Acho que foi isso o que eu *quis* dizer, *sim*. Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Não é como se você tivesse conhecido muitos lupinos — argumentou ele.

— Sim, mas isso não é desculpa. — Segurei o corrimão com uma das mãos. — Há muitas pessoas diferentes de vários lugares que não conheci e não sei nada a respeito. Não quer dizer que seja certo fazer suposições.

— Isso é verdade — respondeu ele, e eu quase me encolhi. Quantas vezes eu havia feito suposições a respeito do povo Atlante? Dos Descendidos? Os preconceitos eram ensinados e aprendidos. Talvez não fosse minha culpa, mas também não era aceitável.

Só que ninguém naquela mesa sequer se remexeu na cadeira quando Casteel matou Landell. O que isso dizia sobre eles?

— O que aconteceu hoje à noite é comum?

— Qual parte? O pedido de casamento ou a cirurgia de peito aberto?

Lancei para Kieran um olhar sombrio.

— Landell.

Ele me estudou por um momento e então voltou o olhar para o pátio e as árvores.

— Não muito. Mesmo que você ainda não veja isso ou não queira, Cas não é um tirano assassino. Para falar a verdade, é raro que alguém o questione. Não porque o que ele faz ou deixa de fazer é sempre razoável, mas porque ele não tem nenhum problema em sujar as mãos de sangue para afirmar a sua autoridade para conseguir o que quer ou para manter em segurança aqueles com quem se importa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um reino de carne e fogo (Vol. #2 Sang..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).